

## Políticas da China e EUA criticadas em Lisboa

14/10/2006

Ana Dias Cordeiro

Washington escolheu, entre os seus parceiros, ditadores em África, em função da sua luta antiterrorismo, diz académico americano

Para a China, interessa garantir recursos para alimentar o seu rápido crescimento. A regra é não interferir nos assuntos internos de países africanos, sejam eles regimes abertos ou ditatoriais. Mas a sua extraordinária aproximação a África, nos últimos anos, é também um instrumento de diplomacia, para enfraquecer Taiwan nas suas aspirações de reconhecimento internacional e o Japão na sua influência nas Nações Unidas e como candidato a um membro permanente no Conselho de Segurança.

Para os EUA, por outro lado, o objectivo é ganhar aliados no combate ao terrorismo, mesmo se tal significa ter relações privilegiadas com ditadores e ignorar o objectivo de política externa anunciado pelo Presidente, George Bush, na sua tomada de posse em Janeiro de 2005 de promover a democracia no mundo.

Estas ideias foram expressas respectivamente pelo cientista político e especialista em China do instituto de pesquisa norte-americano Rand Corporation, Evan S. Medeiros, e pelo professor do departamento de Ciência Política da Universidade de Chicago, Peter Schraeder, no segundo e último dia da IV Conferência da Fundação Luso-Americana e Instituto Português de Relações Internacionais, sob o tema Estratégia e segurança em África.

Este último advogou sobre os EUA o que costuma ser argumentado sobre Pequim, ou seja, que os valores da democracia não são centrais na política externa da Casa Branca em África. Disse ainda que no Congresso norte-americano, que será palco de uma disputa entre democratas e republicanos nas intercalares do próximo mês de Novembro, África é uma questão marginal. Falar do continente significa perder tempo na conquista de votos. E se Washington se interessa pelo continente, é na medida em que este poderá ser útil a questões internas dos EUA, como a preocupação dos eleitores com o terrorismo internacional e a forma como a economia poderá beneficiar do petróleo do continente. Os acontecimentos do 11 de Setembro de 2001 colocaram o combate ao terrorismo no topo das prioridades. Resultados: mais ajuda para esse fim e menos para o desenvolvimento; e "uma abordagem estratégica remanescente da guerra fria" em que "os interesses de segurança nacional ofuscam objectivos como a promoção da democracia", concluiu Peter Schraeder.

E lembrou o que disse o então secretário de Estado norte-americano, Colin Powell quando, em Dezembro de 2003, foi questionado sobre a repressão dos opositores que caracteriza o regime do Presidente da Tunísia, Ben Ali, um dos três importantes aliados de Washington no Norte de África (além do Egipto e Marrocos): "Essa é uma questão entre ele [Ben Ali] e os tunisinos."

Angola entre amigos "menos recomendáveis"

Os amigos de Washington em África estão longe de ser exemplos de abertura política. O mesmo tem vindo a ser dito sobre os aliados "menos recomendáveis" da China, como foram citados por vários oradores da conferência em Lisboa, sobretudo o Sudão e o Zimbabwe - a China fornece armas a ambos - mas também Angola, referida como exemplo de país onde impera a corrupção, que é hoje o principal fornecedor de petróleo de Pequim, e para onde a China canalizou linhas de crédito de milhares de milhões de dólares que permitiram a Luanda financiar a sua reconstrução, sem as ajudas do Fundo Monetário Internacional, condicionadas a regras de transparência.

Para os países ricos em petróleo, ficou a mensagem na intervenção do académico português Ricardo Soares de Oliveira, do Sidney Sussex College da Universidade de Cambridge: "Os recursos do actual boom petrolífero (segundo algumas fontes, o maior influxo de dinheiro da história em África) oferece aos líderes dos países ricos em petróleo a oportunidade de fazer escolhas sobre o bem-estar dos seus cidadãos de que simplesmente não dispõem os líderes dos países mais pobres e sem petróleo em África. Que as escolhas erradas são frequentemente feitas, e que as pessoas sofrem incomensuravelmente com elas é uma forma irónica de justificar que os africanos no poder desempenham um papel fundamental em moldar as vidas, e também as mortes, dos seus concidadãos africanos hoje em todo o continente."